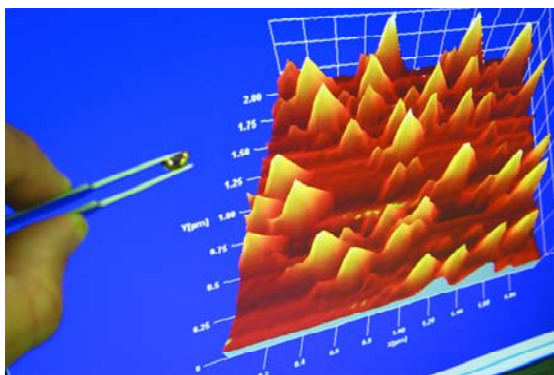


# MUN



## NANOTECNOLOGIA

### Menor investimento estatal significa mais poder às empresas

Um dos maiores temores dos pesquisadores em nanotecnologia é que ela se transforme em alvo de tantas controvérsias quanto a transgenia. Para o Erosion, Technology and Concentration Group (ETC Group), ONG que pede por um maior controle social da ciência, ela correm mesmo esse risco se não forem implementadas medidas que diminuam o poder das grandes corporações sobre a pesquisa científica e que permitam ao público tomar decisões sobre o destino e o uso das novas tecnologias.

Para Silvia Ribeiro, membro da ONG e que há 15 anos dedica-se à pesquisa sobre os impactos sociais da tecnologia, a ciência contemporânea de uma maneira geral já está fora do controle social e do Estado e um dos

maiores responsáveis é a redução dos investimentos públicos. “Mais de 95% dos cientistas do mundo têm conexão direta ou indireta com as corporações. A verba pública para a pesquisa tem sido cortada, e as empresas suprem esses recursos, fazendo com que os pesquisadores das universidades trabalhem para elas. Isso não significa que os cientistas sejam antiéticos, mas sem financiamento para a pesquisa a situação se complica”.

**CONTROLE SOCIAL** A pesquisadora defende que o controle social da ciência pode ajudar a contrabalançar essa situação. “É preciso sinalizar ao cientista que não é correto trabalhar com qualquer tipo de financiamento. Na verdade, os cientistas estão aumentando o lucro das multinacionais e isso é um círculo vicioso, já que elas se tornam cada vez mais poderosas”.

No último Fórum Social Mundial, a nanotecnologia esteve na berlinda, perdendo apenas para a transgenia. Kenneth Gould, pesquisador da Universidade de St. Lawrence (EUA), somou-se ao coro dos que defendem controle mais rígido da tecnologia e pediu uma legislação global que regule a nanotecnologia.

*Rafael Evangelista*

## ANGOLA

### Exploração de diamantes gera conflito cultural

A riqueza diamantífera de Angola oferece um espantoso contraste com as condições de vida da população: é o terceiro maior produtor de diamantes do mundo, mas ocupa a 166ª posição no Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) de 2004, entre um total de 177 países avaliados. As maiores reservas, inclusive inexploradas, ficam na região das Lundas, no nordeste de Angola. São cerca de 180 mil km<sup>2</sup> delimitados como Zona de Reserva Diamantífera, com mais de um milhão de habitantes.

No passado, as pedras brilhantes das Lundas entraram para o rol dos “diamantes de conflito”, ou “diamantes de sangue”, por financiarem a guerra civil, que durou 27 anos. Atualmente, o desafio é combater o contrabando, a corrupção e a violação dos direitos humanos, como mostra o relatório “Lundas: as pedras da morte”, divulgado em fevereiro deste ano.

**KIMBERLEY** O uso da receita gerada no comércio de diamantes para financiar guerras, tanto em Angola como em outros países,